



Esquecer os números, convocar a alegria

XII Encontro Nacional dos TOC, em Aveiro

Evão doze. Depois de nos quatro primeiros anos se ter centrado na região Centro, o Encontro Nacional dos TOC tem vindo a percorrer o país, a exemplo de muitas outras iniciativas da Ordem. Este ano, foi a vez de Aveiro, terra de moliceiros, de sal e de ovos moles. Realizado a 19 de julho, no Parque de Exposições da cidade, os grandes objetivos desta iniciativa foram, uma vez mais, atingidos sem grande dificuldade: um dia para retemperar energias e proporcionar a todos os técnicos oficiais de contas, familiares e amigos umas horas de descontração e de convívio, até porque, mais do que nunca, as exigências e entraves que se colocam à profissão conduzem a um desgaste incontornável.

A manhã acordara com chuva mas esse fenómeno, já anunciado pelas previsões meteorológicas, não foi motivo desmobilizador. No total, entre técnicos oficiais de contas e familiares, acorreram até ao vasto espaço cerca de seis centenas de pessoas. Uma presença assinalável proveniente, uma vez mais, de todos os pontos do país, regiões autónomas incluídas. Traje informal, porque o momento assim o exige; dos zero aos 80, porque a heterogeneidade de idades é uma das marcas destes encontros, rapidamente o Parque de Exposições foi ganhando vida. Depois de feita a credenciação e de os participantes terem recebido pequenas lembranças

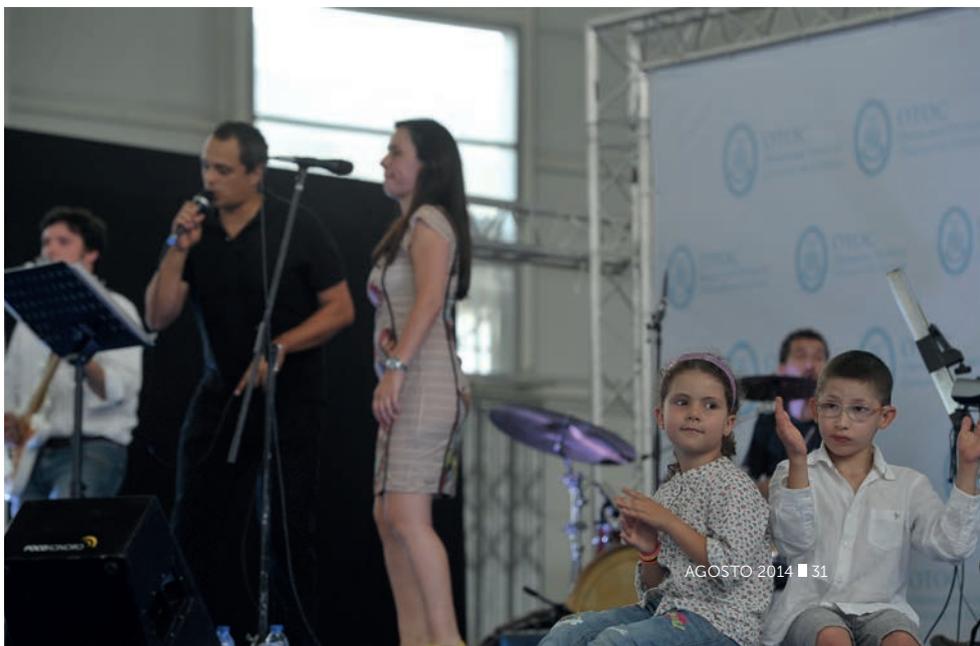


alusivas ao evento, à Ordem e à região, com destaque para o sal, uma das imagens tradicionais do distrito aveirense, a primeira hora de animação foi garantida pela Tuna Feminina da Universidade de Aveiro. Vozes em unísono, instrumentos afinados, a habitual boa disposição e irreverência destes conjuntos compostos na sua esmagadora maioria por gente jovem, foram os ingredientes usados para proporcionar momentos com sonoridades que a muitos dos presentes terão obrigado a um recuo nos anos e às recordações, por norma boas, da vida estudantil.

Reflexão e insufláveis

Calaram-se as guitarras, cessaram as vozes porque o momento seguinte do programa assim o exigia. No auditório do complexo, com lotação para 300 pessoas e que rapidamente esgotou, teve lugar a eucaristia que, como sempre, foi dedicada à memória de todos os TOC já falecidos. A celebração foi presidida pelo padre Armando, da paróquia de Esgueira, que aproveitou a presença de muita gente com responsabilidades acrescidas, face à profissão que desempenha, para lembrar que o sentido de justiça e de equidade devem presidir à ação do homem. «Ser justo é ser humano», recordou. A missa contou ainda com a inestimável colaboração do coro da mesma localidade e foi o momento de maior recolhimento e reflexão. Por sugestão do padre Armando, o resultado do ofertório foi entregue à obra social desenvolvida na paróquia de Esgueira.

A manhã corria tranquila, a temperatura estava amena – Aveiro não é cidade conhecida pela canícula estival – o que permitiu dar pleno uso a um conjunto de insufláveis instalados propositadamente no exterior, num enorme corredor entre os dois





É um sonho de vida

É um sonho de vida
Um desejo realizado
Segue um rumo de ida
Nem sempre o trabalho valorizado

Ser contabilista é amar a profissão
É dar tudo por tudo
É fazer um trabalho de coração
Sem receber o que é justo, contudo

Assim vai a vida dos contabilistas
Tal como os moliceiros, ao sabor do vento
Dos prazos, e dos políticos de poucas vistas
Mas sem nunca lhes faltar talento

Valem os encontros anuais
Soltar uma gargalhada, uma risada
Quem sabe comer doces conventuais
Ganhar forças para a próxima jornada

É uma vida bem condimentada
Nunca falta *stress* e nervosismo
Vale o sal desta cidade movimentada
Para dar uma pitada de saudosismo

A comissão organizadora

pavilhões do Parque de Exposições. A clientela, claro está, era muito jovem, exceção feita para um ou outro pai mais afoito que se aventurou no campo dos matraquilhos humanos. Momentos de evasão e de muita irrequietude, momentos para trocar impressões com gente conhecida, momentos para gravar e mais tarde recordar - em formato digital - instantes únicos da pequenada.

75 quilos num bolo

Esgotada a manhã, e por imperativos das necessidades humanas, era tempo de assentar arraiais no pavilhão destinado ao almoço. No local, espaçoso e decorado a preceito, estava tudo a postos. Abertas as portas, num ápice as cerca de 60 mesas ganharam vida e animação. Escolhidos os lugares e os companheiros de repasto, foi tempo de escutar o discurso de boas-vindas. Maria Luís Ferreira, em nome da comissão organizadora, composta ainda por Maria Inês Ca-



listo, Rui Costa Marques e Sara Rocha, tendo Avelino Antão como elo de ligação com o Conselho Diretivo da Ordem, fez as honras da casa. A ocasião serviu igualmente para Maria Inês recitar um poema da lavra da própria comissão sobre o que é ser TOC e que foi estrategicamente colocado em todas as mesas, intitulado «É um sonho de vida». (ver caixa) Números, leis, códigos do IRS e do IRC, IES, - ah, e os humores do inevitável Portal das Finanças - andaram de boca em boca. Mas não só, porque nem só de leis, códigos e números vive um TOC. O almoço, com um prato de carne e outro de bacalhau, não fosse este também uma das principais atrações gastronómicas da região, foi servido ao ritmo que a enorme mole humana permitia. Saciadas as necessidades, os olhares voltaram-se de novo para o palco. Primeiro, para a atuação do Grupo de Cantares de Xailes de Aveiro, um





conjunto que se dedica à música tradicional. Foram cerca de 45 minutos antes dos discursos institucionais, também eles um ponto habitual, e sempre aguardado, nestes encontros (ver texto na página 34).

Feitos os discursos, servido o almoço, faltava apenas a sobremesa: um enorme bolo de 75 quilos que, simbolicamente, Domingues de Azevedo e a comissão organizadora partiram. Depois, tempo para os mais expansivos abandonarem as mesas e darem azo aos dotes de dança, primeiro ao som do conjunto «Amigos do Artur», que apresentou um repertório baseado na música portuguesa e, mais tarde, ao sabor da música colocada pelo DJ Mickey Blue Eye. O resto? Para uns o adeus, para os mais resistentes uma tarde longa de confraternização e de dança. Vemo-nos no próximo encontro? ✂



Fotos e vídeo disponíveis no Flickr e no Canal OTOC



Sal, poesia e muito trabalho

O informalismo que rodeia todas as edições dos Encontros dos TOC é sempre quebrado no período da sobremesa para os discursos dos organizadores e das entidades convidadas. Aveiro não foi exceção à regra. O presidente da Câmara de Aveiro, José Ribau Esteves, o pró-reitor da Universidade de Aveiro, Joaquim Costa Leite, o presidente da Associação Industrial de Aveiro, Fernando Paiva Castro, a presidente da direção do ISCAA, Cristina Souto Miranda e Joel Rocha, da associação de estudantes da mesma instituição, responderam afirmativamente ao desafio formulado pela Ordem.

Mas as primeiras palavras pertenceram aos principais obreiros do evento, a Comissão Organizadora. Coube a Maria Inês Calisto dar as boas vindas aos presentes. Não escondendo o orgulho pelo alcance da tarefa, a técnica oficial de contas afirmou que «com responsabilidade, aceitamos o desafio», contribuindo para «desbravar o longo caminho de reconhecimento profissional», pleno de avanços e recuos. Em jeito de alerta, referiu que apesar de a Ordem ser a maior instituição de regulação profissional portuguesa, «não podemos baixar a guarda.» Ao Bastonário os organizadores endereçaram a mensagem que tudo farão, «com esforço e solidariedade», para o maior reconhecimento da classe.

O nome de Domingos Cravo, estando o evento a realizar-se em Aveiro – sua terra natal – não podia ser esquecido. Recitando o poema «Chuva», da autoria de Fernando Pessoa, Maria Inês Calisto evocou a memória de um homem que «engrandeceu a Contabilidade, Aveiro e o país».

E assim foi o final de um discurso singe-



lo, mas com muito sal, uma das marcas da região, sobre uma profissão que anseia por este evento, como um dia que se quer e foi diferente. «Assim vai a vida dos contabilistas, tal como os moliceiros, ao sabor do vento», disse a porta voz da comissão organizadora, num aplaudido momento de poesia.

Por seu turno, o Bastonário começou por congratular-se com a «excelente organização» da comissão constituída para o efeito e agradeceu o esforço dos profissionais que se deslocaram até Aveiro. «Este é um convívio que, diga-se em abono da verdade, bem merecemos, depois das agruras por que passamos em abril e maio, nomeadamente devido à inoperacionalidade registada no Portal das Finanças», referiu Domingues de Azevedo. O Bastonário lembrou ainda que «recentemente, aquando da entrega da IES, o sistema funcionou normalmente, o que comprova que houve laxismo e falta de consideração pelos profissionais, o que se estranha, porque o governo devia ser o primeiro interessado no bom e regular funcionamento do portal.»

Sem se deter, Domingues Azevedo declarou que «os TOC não podem ficar prisioneiros das falhas dos sistemas.» A Ordem encetou diligências no sentido de obter mecanismos alternativos para

que os profissionais cumpram com o seu dever, endereçando missivas ao primeiro-ministro, ministra de Estado e das Finanças e partidos políticos com representação na Assembleia da República. A terminar, deixou um conselho: «Fiquem cientes disto: ninguém dá nada a ninguém. O que ambicionamos teremos de ser nós a conquistar, por mérito próprio e o futuro será aquilo que construirmos, com base no rigor, no serviço público e na dignidade que colocarmos no nosso trabalho».

Joaquim da Costa Leite, pró-reitor da Universidade de Aveiro (UA), associou-se ao convívio em representação do Reitor, tendo destacado a relação particular que existe entre a Ordem e o ISCA da cidade aveirense. O responsável da UA salientou ainda a importância profissional da classe, tendência que se tem acentuado nos tempos mais recentes.

O encerramento pertenceu ao autarca da terra dos moliceiros, José Ribau Esteves. Curto, mas bastante incisivo, o presidente da Câmara Municipal lembrou que a marca que une os TOC e Aveiro é o trabalho. «Vocês são gente tão importante para tantas entidades, públicas e privadas, para se conseguirem boas contas». Ribau Esteves realçou que «a par de uma despesa, tem de haver uma boa receita.»